

## EDITORIAL

Estamos diante da desafiadora tarefa de compreensão da contemporaneidade com todas suas potencialidades e paradoxos. Urge colocar em movimento a capacidade reflexiva, a potência do pensamento diante do contexto de mundo em que nos encontramos inseridos. Nesta perspectiva, o primeiro desafio é o da definição (se é que possa ser definida) da contemporaneidade. Entre outras possibilidades a contemporaneidade caracteriza-se por ser o tempo presente, em curso, em movimento, em devir. Parte da tradição filosófica ocidental aponta para os limites do alcance de conhecimento sobre aquilo que está em curso, em acontecimento. Assim, passados dois mil e quinhentos anos desde os gregos antigos, o que está em jogo é: como compreender o acontecer dos acontecimentos?

Nietzsche (1844-1900), o filósofo a marteladas, nos diz que todo aquele que se desafia a pensar o próprio tempo terá que fazer esforços significativos para alcançar a extemporaneidade. Terá que elevar-se acima do próprio tempo na medida em que é filho do tempo que pretende colocar em análise e apreendê-lo compreensivamente. Para Giorgio Agamben (1942) pensar o contemporâneo implica reconhecer em plena luminosidade do dia em curso, questões nebulosas, pontos obscuros. O óbvio. Aquilo no qual estamos inseridos, que se apresenta como nosso *modus vivendi* e, por isto mesmo apresenta-se inquestionável.

Assim, a problematização do contemporâneo em suas prerrogativas políticas, jurídicas e econômicas refletidas por Agamben ao longo de sua obra (“Quando comecei a trabalhar em *Homo Sacer*, soube que estava abrindo um canteiro que implicaria anos de escavações e de pesquisa, algo que não poderia jamais ser levado a termo e que, em todo caso, não poderia ser esgotado certamente em um só livro”. Entrevista em 2006 à Flávia Costa) implicam em movimentos metodológicos arqueológicos e genealógicos que perpassam tais questões e conceitos constitutivos do Ocidente e, que se apresentam paradigmáticas, paradoxais, senão conflitivos na atualidade.

Nessa vertente, os autores que compõem essa edição se desafiaram a pensar as dinâmicas imanentes do mundo e as colocam em cena, assumindo os riscos de se perderem nos arcabouços argumentativos que nosso tempo permite. Desse modo, o doutorando em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, Diego Luiz Müller Fascina e a Pós-Doutora pela Rutgers - the State University of New Jersey, Marisa Corrêa Silva tornam público o artigo: **LABIRINTO SEM FIM: RELAÇÕES FAMILIARES E SOCIAIS EM FELIZ ANIVERSÁRIO E EM OS LAÇOS DE FAMÍLIA, DE CLARICE LISPECTOR**. O texto discute a presença do Grande Outro, frente a uma possibilidade comparativa, nos contos: Os laços de família e Feliz Aniversário disponíveis na coletânea: Laços de família de Clarice Lispector. O conceito remete a psicanálise de Jacques Lacan e é colocado no palco com uma releitura do materialismo lacaniano do filósofo Slavoj Žižek.

O segundo artigo intitulado: **A POTÊNCIA DA INOPEROSIDADE** de Fernando Gigante Ferraz, Doutor em Filosofia pela Université de Paris I (Pantheon-Sorbonne) e Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia - UFBA discute a aproximação sugerida por Nietzsche entre ele e Espinosa a partir de uma carta a Franz Overbeck. Na sequência apresenta Giorgio Agamben com o texto: “Sobre o que podemos não fazer” para estabelecer uma relação entre Bartleby de Melville e a noção de demissão subjetiva de Lacan.

Por seu turno Sandro Luiz Bazzanella, Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no texto: **AGAMBEN E OS PRESSUPOSTOS DO DISPOSITIVO GOVERNAMENTAL E OIKONOMICO** investiga a luz dos métodos de pesquisas agambenianos a forma como se constrói a *oikonomia* a partir dos debates teológicos cristãos dos primeiros séculos da era cristã, pressupondo a tríade Santíssima. Assim estabelece uma leitura da racionalidade política e governamental contemporânea submetida à égide da economia financeira, a mecanismos que capturam a vida e estabelecem sua administrabilidade perante cálculos econômicos de otimização e rentabilidade, apresentando as sociedades hodiernas como constituídas por massas de produtores e consumidores capturados pelo dispositivo da economia.

Nos escritos: **LA MÁQUINA ELÍPTICA DE GIORGIO AGAMBEN** o Doutor em Filosofia pela Universidad Nacional de La Plata - UNLP, Germán Osvaldo Prósperi

reflete sobre o conceito de máquina em Agamben como uma estrutura elíptica resultado do cruzamento conceitual de dois autores: Furio Jesi e sua noção de máquina mitológica e Aby Warburg com a concepção de bipolaridade. Analisando as categorias, o autor permeia por discussões críticas a respeito das práticas políticas que derivam da operacionalidade dessa máquina.

Daniel Arruda Nascimento, Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e Patrick Farias Nogueira, discente do Curso de Bacharelado em Direito da Universidade Federal Fluminense – UFF disponibilizam a análise: **A SENZALA BRASILEIRA ENQUANTO CAMPO BIOPOLÍTICO**. O artigo se estrutura a partir de análises comparativas da história colonial brasileira (Senzalas) com os conceitos Agambenianos. Seria o campo aberto da senzala um espaço de concreção do que conhecemos hoje com o nome de biopolítica? Seria a senzala um ancestral do campo biopolítico vindo à luz com os eventos totalitários do século vinte? Se o escravo está na histórica senzala brasileira absolutamente abandonado à violência e ao cálculo sobre a vida, o que nos impediria de identificá-la como outra realização do projeto biopolítico ocidental? A partir destas indagações os autores aplicam o pensamento de Agamben no solo brasileiro.

A doutoranda em Direito pela Universidade Federal do Paraná - UFPR, Heloisa Fernandes Camara aborda no artigo: **A MÁQUINA FEMINICIDA: HOMO SACER E CAMPOS EM CIUDAD JUÁREZ**, o livro: *“Feminicide Machine”* de autoria de Sérgio González Rodriguez, em que aborda os feminicídios ocorridos na “Ciudad Juárez – México”, sob as perspectivas da filosofia política de Giorgio Agamben. Destarte, o formato da cidade reproduzido pelas facetas capitalistas legitimam os assassinatos e se ligam a lógica da produção de corpos dóceis, repetindo a funcionalidade do campo de concentração e a figura da mulher Sacer, matável.

**O ROSTO FILOSÓFICO DE PAULO: CATEGORIAS MESSIÂNICAS NA FILOSOFIA POLÍTICA DE GIORGIO AGAMBEN** é a contribuição de Pedro Lucas Dulci, doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás – UFG. O texto trabalha o gesto intelectual de Paulo de Tarso, apontado como imprescindível para escapar do esconderijo político que os governos contemporâneos estão inseridos. Na visão de Giorgio Agamben o messianismo de Paulo é demonstrado como repositório das potencialidades.

Márcia Rosane Junges, doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS apresenta o artigo: **O CONCEITO ESTOICO DE PROVIDÊNCIA E A NOÇÃO DE OIKONOMIA, SEGUNDO GIORGIO AGAMBEN**. O escrito demonstra que no livro: “O Reino e a Glória: uma genealogia teológica da economia e do governo”, o conceito de providência estoico possui relação com a *oikonomia*, formalizada pelos primeiros padres da igreja, e constitui a base da concepção moderna de economia e governo da vida. Assim, há uma fratura entre soberania e governo o que nos permite compreender a crise política hodierna como uma derivação dessa racionalidade *oikonomica*.

A mestrandia pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO, Nayhara M. Fraga Correio estabelece no texto: **FOTOGRAFIA COMO MEIO DE MEMÓRIA E ESQUECIMENTO NO CIBERESPAÇO**, argumentos sobre os processos de produção de memória e esquecimento através da fotografia compartilhada no ciberespaço. A fotografia é apresentada aqui como objeto da memória cultural e representada pelos álbuns de fotografia tradicionais até chegar aos virtuais de no ciberespaço.

No artigo: **PROFANAR EL DERECHO: UMA INVITACIÓN A LA FILOSOFIA DEL DERECHO** de Jaime Araujo Frias – graduado em filosofia e direito pela Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa – Peru, o direito é definido como um serviço à disposição de todos os seres humanos. Porém, em seu país, bem como em outros ocorre o contrário, ou seja, ele se transforma em carrasco. Sob as possibilidades de Agamben o texto demonstra a urgência em profanar o Direito, devolvê-lo ao uso comum.

Reconhecendo os esforços dos autores e da comissão científica da revista, chegamos a quarta edição da Revista Profanações. Como contribuição e legado, o Grupo de Pesquisas Interdisciplinar em Ciências Humanas (CNPq) e o Grupo de Estudos em Giorgio Agamben (GEA) da Universidade do Contestado – UnC, reúnem e disponibilizam para a comunidade acadêmica, científica e interessados em geral uma gama de interpretações, questionamentos, posicionamentos, percepções e indefinições dos adjetivos que permitem a vida.

É nossa proposta, a intensidade reflexiva a partir das contribuições dos diversos autores presentes em seus artigos. Excelente leitura

Sandro Luiz Bazzanella  
Felipe Onisto  
Membros do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas –  
CNPq  
Membros do GEA – Grupo de Estudo em Giorgio Agamben da Universidade  
do Contestado ([www.agambenbrasil.com.br](http://www.agambenbrasil.com.br))